

ENCONTRANDO BIANCA: UMA POSSIBILIDADE DE (DES)CONSTRUÇÃO DO CORPO SEXUALIZADO NO ESPAÇO ESCOLAR

Nome do autor: Jair Bueno de Araújo

Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie

E-mail: arabujageo@yahoo.com.br

Introdução

Em princípio somos todos da espécie humana, logo nossa identidade de gente é humana. Mas, no campo dos saberes e dos poderes, ela é perpassada por outras identidades, que nos roubam a identidade de nos reconhecermos como humano e, dessa maneira, passamos a ser homens, mulheres, heteros, homos, negros, brancos, normais, anormais etc. É, nessas identidades que, provavelmente, estão as bases para a dominação e a explicação polarizada das forças identitárias de poder que se universalizaram e que acometem as pessoas quase que de forma intransponível e inquestionável. Assim sendo, a identidade é vivenciada:

controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada, temível materialidade (FOUCAULT, 1997, p. 9).

É a partir desse campo do discurso que é necessário compreender o próprio poder real do discurso das identidades que se materializam sobre os corpos vividos de negros, brancos, homossexuais, heterossexuais, pobres, ricos etc.

O lugar de onde os discursos são pronunciados, em si, já traz uma não neutralidade. Pensarmos o corpo homossexual e o corpo heterossexual ainda é, para muitos, uma oposição entre o certo a ser seguido e o errado a ser erradicado do campo moral, jurídico e religioso. Dessa maneira, o homossexual, o bissexual, o transexual ou qualquer outra sexualidade que não se oriente para o desejo pelo sexo oposto serão construídos como discursos desviantes do discurso dito “normal”, a heterossexualidade.

Nesse sentido, “Encontrando Bianca”, um dos filmes do kit contra homofobia, “kit gay” que deveria ser distribuído nas escolas públicas do Brasil, vem sendo alvo de preconceitos propagados por líderes religiosos e por setores conservadores da sociedade brasileira. Tais preconceitos, por seu turno, revelam o “desprezo” de tais setores sociais por um projeto educacional que visa o combate à homofobia.

Assim como os outros filmes do kit, “Encontrando Bianca” propõe-se a trazer para a cena pública educacional um debate crítico-reflexivo-filosófico-político sobre a construção da sexualidade, reivindicando um espaço para que se discutam, entre outras questões, as relações de poder entre os corpos sexuados. Trata-se de uma proposta “audaciosa”, mas possível uma vez que está de acordo com os preceitos dos PCN’s:

Indissociavelmente ligado a valores, o estudo da sexualidade reúne contribuições de diversas áreas, como Educação, Psicologia, Antropologia, História, Sociologia, Biologia, Medicina e outras. Se, por um lado, sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), a sexualidade, entendida de forma bem mais ampla, é expressão cultural [A escola deve informar, problematizar e debater os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade] (PCN’s, 1997, p.295).

O projeto de que faz parte o citado filme e, por extensão, o kit contra homofobia, tem, por objetivo, ampliar e fortalecer o exercício da cidadania GLTB ao preconizar o respeito à diferença.

“Encontrando Bianca”, uma identidade em construção: objeções para um corpo livre

Há lugares tradicionalmente reservados, bem como representações sociais esperadas para os corpos masculinos ou femininos. Somos frutos decorrentes de gerações e de diferentes processos sociais, somos construtos da violência psicológica contra os corpos:

[...] a escola a partir dos discursos pedagógicos e das normas disciplinares institucionais [...] se [...] inscreve[m] na interioridade dos indivíduos as verdades, isto é, os saberes corretivos, de normalização, que vão modelando a subjetividade dos indivíduos. Estas verdades/saberes corretivas rotulam e dão sentido aos comportamentos, às atitudes, aos atos, às relações, fabricando o sujeito desejado, de modo que ele corresponda com fidelidade ao padrão de indivíduo de que a sociedade necessita (BELTRÃO, 2000, p. 15).

Uma constatação é que, muitas vezes, a sexualidade só é trabalhada discursivamente na escola durante as aulas de biologia e, na sua quase totalidade, sob a perspectiva das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST’s), relegando, para segundo plano, a dimensão cidadã-sócio-afetiva dos indivíduos. Outra questão do espaço escolar é que o próprio corpo docente não está preparado para reconhecer corpos culturais plurais que vivem as diversas relações humanas possíveis.

É preciso compreender a dinâmica das práticas e dos discursos homofóbicos, sobretudo quando:

[...] é evidente que o preconceito não só reside nos indivíduos, mas, também se articula na cultura e nas instituições, é fundamental para aprimorar as formas de enfrentamento e desconstrução de suas práticas violentas e silenciosas (BORRILLO, 2010, p. 9).

Tais constatações despertam a necessidade de se desenvolver, na escola, uma formação mais abrangente e específica no que se refere aos temas relacionados à homossexualidade e à construção de identidades homossexuais. Essa formação deve levar aos indivíduos reflexão, e não somente subjetivações de uma escola heterossexista.

Mais importantes do que os binarismo identitários são as verdades que se põem diante das polarizações. Para tratarmos dessa discussão, iremos ilustrá-la com o já mencionado filme “Encontrando Bianca”, cuja importância reside, do nosso ponto de vista, em ter trazido à tona os sistemas de opressão contra corpos identificados como não heterossexuais. Outro aspecto importante trazida pela veiculação do filme diz respeito a que, apesar dos avanços no campo da sexualidade, alguns setores sociais de grande influência político-social reagem com muita intolerância e resistência à legitimação dos direitos sexuais e humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais – LGBT.

Os preconceitos contra os que “não reproduzem a norma dos gêneros heterossexistas” são discursos intolerantes que, no cotidiano da vida dessas pessoas, são socializados na e pela homofobia. Ou seja, trata-se de aversão, desprezo e subjugações discursivas que legitimam o homossexual na ordem dos “anormais”. Assim sendo, práticas homofóbicas, como xingamentos, piadas, tiração de sarro, são dispositivos de legitimação do discurso heterossexista, mesmo que proferidos por alunos e alunas que, com ou sem consciência, reproduzem o que está na sociedade. O preconceito homofóbico é um dispositivo da imposição da norma heterossexual, e não sua exceção.

A reprodução cultural de práticas homofóbicas é fato generalizado. Há que se destacar, nesse sentido, a forma como alunas e alunos acabam por tratar a sua própria condição de homossexuais: reproduzindo os papéis sociais muitas vezes sacralizados pelos conceitos religiosos, biologizantes e estereotipados sobre tal condição, ou sentindo-se desconfortáveis em falar sobre assuntos relacionados à sexualidade

homossexual, o que os faz, de um modo geral, não se expressarem com liberdade, assim sendo, socializando objeções para um corpo livre.

“Encontrando Bianca” e José Ricardo: um corpo discursivo liberto para uma escola sensibilizadora

Bianca, duplamente identificada por dois nomes masculinos, era José Ricardo, que queria ser chamado pelo nome de Bianca. Ao ser identificada como homem, devido a seu órgão biológico (pênis), Bianca foi subjetivada como menino pela cultura em que nasceu. Logo, todo construto político-simbólico-cultural do que é concebido como um homem deve ser disponibilizado para a construção identitária de José Ricardo, que ainda sim, queria ser Bianca.

A importância dessa questão reside no fato de que ela nos evidencia que o/a aluno/a Bianca ou José Ricardo se constitui de identidades construídas a partir daquilo que chamamos de biologicamente determinante para a produção do sujeito. Outra evidência com a qual essa questão nos faz defrontar diz respeito a que as tais instituições, como o ambiente familiar, a escola e a igreja, reproduzem as ideias heteronormativas propagadas pelos adultos que as integram. Dessa forma, não é de se estranhar que a perpetuação de um pensamento homofóbico se encontre, também, no ambiente escolar.

Nem José Ricardo nem tampouco Bianca são sujeitos. Na verdade, os valores constitutivos dessa distinção entre macho e fêmea, os quais convencionamos chamar de gêneros masculino e feminino, é que são imperativos e fundam os padrões discursivos dos aceitos e não aceitos perante os valores político-morais da nossa sociedade. Para Butler, a formulação usual de gênero no qual estão fundados os atributos culturais que o constroem, bem como seu oposto, o sexo, é uma marca preestabelecida sobre o qual o gênero opera.

O que está em questão para Butler é ir além dos gêneros, pois o mesmo não deve ser visto e buscado enquanto origem ou uma verdade sexual, mas, sim, enquanto investidas políticas designadas como origem e causas de naturalizar categorias de identidades. Tais identidades são “verdades”, são efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos, difusos e que só é possível se manifestar sobre os corpos sexuados que ora são postos como licitudes e ou ilicitudes ao corpo dos anormais, como, por exemplo, o corpo homossexual que até meados da

década de 1970 era, sob o discurso médico, uma patologia e ainda hoje é um pecado sob o discurso judaico-cristão:

Não dá para discutir esse assunto [homossexualidade], dá nojo, esses gays, lésbicas e querem que nos a maioria, entubemos como exemplo de comportamento a sua promiscuidade. Escárnio da sociedade. Isso é vergonha. A homofobia é uma história de cobertura para aliciar a garotada. O garoto tem um desvio de conduta ele deve ser redirecionado para o caminho certo [heterossexualidade], nem que seja pelas palmadas. Não sou promiscuo, canalha com as famílias brasileiras.¹

Enfim, inúmeros outros exemplos poderiam aqui ser citados como esses discursos proferidos por setores da sociedade e que de antemão tem o seu direito de questionamento. Para além de sermos ou não a favor do “kit” de combate à homofobia, o mais importante é que ele tenta por em reflexão e discussão aquilo que a que nos referimos sobre os binarismos de sexo-gênero (normal X anormal) que nos fundam enquanto sociedade de identidades.

O normal, dentro de um sistema binário de discurso, só é possível existir pela criação do seu oposto, o anormal, que também é designado por “monstro” humano, no sentido de estranho, de assustador, e que por isso mesmo deve ser temido e, portanto, isolado e controlado. O monstro que quer se revelar no sentido da discussão política, da visibilidade pública da homossexualidade enquanto um construto social tão normal quanto à própria ideia de normalidade heterossexual deve se interdito pelo discurso “normal”.

Se assim não for, eles, os anormais, trarão, à cena pública, a desmistificação das relações de poder dos discursos dos normais. A heterossexualidade compulsória que ditatorialmente se afirma ainda se firma, por meio do discurso moral-religioso e clínico dos saberes-poderes institucionalizados do século XIX e tem, como prerrogativas, incitar a anormalidade, a monstruosidade moral-político-clínica para legitimar-se enquanto normalidade. A homossexualidade é, pois, novamente, obrigada e incitada a entrar em discussão para a manutenção da heteronormatividade:

[...] o material incentiva a homossexualidade. A possibilidade da probabilidade da escolha [homo X heterossexual] incentivaria a homossexualidade. Querem fazer com que o homossexual seja criado na escola. Agradeço ao apoio em nome da família dos bons costumes do cristianismo. Em nome das pessoas de bem, não se pode estimular isso na escola. O monstro [da homossexualidade] não está devidamente morto.²

¹ Declaração do Deputado Federal, Jair Bolsonaro feita durante entrevista concedida para TV Câmara. Disponível em: <[http://www2.camara.gov.br/tv/materias/PALAVRA-ABERTA/197005-DEP.-JAIR-BOLSONARO-\(PP-RJ\)---CARTILHA-CONTRA-HOMOSSEXUAIS.html](http://www2.camara.gov.br/tv/materias/PALAVRA-ABERTA/197005-DEP.-JAIR-BOLSONARO-(PP-RJ)---CARTILHA-CONTRA-HOMOSSEXUAIS.html)>. Acesso em: 05 junho 2011.

² Declaração do Deputado Federal, Jair Bolsonaro feita no Congresso. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gNJKJLCPt4>>. Acesso em: 05 junho 2011.

A figura do monstro novamente é questionada pelo poder disciplinar, pois a homossexualidade não pode ultrapassar as fronteiras daquilo que ela não “está” autorizada a falar e a reivindicar. É por isso que o kit contra homofobia deve ser, segundo os preceitos desse discurso heterossexista, interdito pelo desejo de defender suas estruturas reguladoras, que se pautam pelo patriarcado, pela monogamia e pela cristandade da família.

O poder disciplinar “traça o limite que definirá a diferença em relação a todas as diferenças” (FOUCAULT, 1987, p. 153). Na escola, o processo de “fabricação” dos sujeitos são muito sutis e contínuos. Por exemplo, o tocante para a distinção entre meninos e meninas para a realização de atividades físicas é a diferenciação sexual. Muitos alunos, assim como os professores(as), não percebem que essa rivalidade ao sexo oposto é fruto de uma educação disciplinadora de construção de corpos distintos pautada em funções biológicas de sexo.

Outro exemplo recorrente no ambiente escolar se refere a quando o pai e/ou a mãe, ao identificar no corpo-social do filho e da filha, possíveis traços de uma “homossexualidade” – e, portanto, não condizentes com os papéis de gêneros – discursam, negativamente, sobre a existência de uma suposta feminilidade / masculinidade, delicadeza / agressividade, fragilidade / força. Enfim essa sexualidade que ousa existir, após ser interpelada pelos pais, passa também a ser questionada posteriormente pelos professores(as) e por outros alunos(as) da escola, o que demonstra o peso do poder disciplinar, que é “um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’, ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor” (FOUCAULT, 1987, p. 143).

Encontrando Bianca – gênero, sexo e identidade

Voltando ao filme, este se inicia por uma foto $\frac{3}{4}$ do Registro Geral (RG), em que mostra José Ricardo como menino. Contudo, todas as expectativas (ser jogador de futebol) depositadas nesse fato de ele ser biologicamente um menino foi se transformando a ponto de José Ricardo não querer jogar futebol, por mais habilidade que tivesse. As unhas vermelhas de Bianca não combinavam com a roupa de menino. Os garotos falavam mal e demonstravam hostilidade e rivalidade contra a pessoa dela na sala, na escola. Além disso, um outro grande problema que Bianca enfrentava dizia

respeito a qual banheiro ela deveria se dirigir, se ao masculino ou ao feminino, e também por qual nome ela/ele deveria ser chamado/a, se pelo oficial (José Ricardo, que figurava na lista de chamada e no RG) ou se pelo nome oriundo do lugar social que ela/ele ocupava (José Ricardo queria ser chamado de Bianca).

Mas a identidade do adolescente não é “dele”. É uma dialética de um construto social que, a priori, é incitada a existir na distinção dos gêneros a que todos os corpos são enquadrados e estruturados ao nascerem. O poder não atua simplesmente oprimindo ou dominando as subjetividades, mas opera de forma imediata na sua construção.

O gênero, para Butler (2009, p. 24), são significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, do que, se “supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de ‘homens’ aplique-se exclusivamente a corpos femininos ou que o termo ‘mulheres’ interprete somente corpos femininos”. Nesse caso, o “sujeito gendrado seria antes o resultado de repetições constitutivas que impõem efeitos substancializantes (ARÁN, 2007, p. 133). Com base nessas definições, a autora chega a afirmar que o gênero é ele próprio uma norma.

A norma do sujeito gendrado é a definição de uma identidade em oposição à outra, entre o “aceito” ou o “não aceito”, entre o “normal” e o “anormal”. Desde o nascimento da pessoa é imposta a ideia de “é menino ou menina?”. O ultrassom resolve. Sendo menino, poderia até brincar de boneca, vestir calcinha, furar a orelha etc., mas não. Os pais, avós, tios, primos, irmãos, a sociedade, enfim, não lhe dão permissão. Mas vai chamar-se Mateus, Marcos, João, Ezequiel, Jeremias, Paulo, Jesus..., Deus? – Ninguém ousou! Usará roupinha azul, amarela, branca, rosa. Opa! Rosa!? Não!!! Rosa é de Maria, Marta, Ester, Aparecida, Assunção, Auxiliadora, Sara... A menina pode brincar de carrinho, desde que não perca sua “feminilização”, mas fica estabelecido que carrinho, bola, pipa, videogame são de menino, para convalidar a sua “masculinização”, e boneca, casinha, panelinha, batom, sapato de salto, o primeiro sutiã são de menina. A partir dessa interpelação a:

nomeação do sexo é um ato performativo de dominação e correção que institui uma realidade social [...] O gênero é uma realidade tenuante construída através do tempo por meio de uma repetição incorporada através de gestos, movimentos e estilos (ARÁN, 2007, p. 134).

Sexo e gênero estão na mesma ordem mimética, na qual gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. É nessa perspectiva que é necessário desconstruir os gêneros, pois assim desconstruímos os sexos ou o binarismo que acomoda gênero e sexo em corpos opostos.

É necessário desnaturalizar sexo e gênero e os questionarmos a todo momento. A cisão está neles. Só precisamos operar para libertarmos o corpo “oprimido”. Para Butler (2009, p. 25), sexo é construído e é tão culturalmente construído quanto o gênero: “a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma”. Ou seja, a estabilidade interna da ordem preestabelecida e eficientemente assegurada entre o binarismo sexo/gênero só é possível pela ordem do discurso, fazendo com que nenhum nem outro seja neutro e tampouco o sexo seja anterior à cultura.

O que Butler nos aponta é que o sexo deixa de ser significativo quando se constrói o significado dos gêneros. Ou seja, o próprio significante “sexo” é questionado em sua materialidade “neutra” que inscreve os corpos sejam de acordo com seu sexo biológico: se tiver pênis ou vagina, serão educados de forma diferente. O natural de uma identidade de sexo e de gênero não existe. Ambos são produções de inscrições dos valores sociais que cada sociedade produz para sua produção enquanto papéis sociais a serem desenvolvidos na sociedade

Butler sinaliza a desconstrução das identidades fixas, bem como o fato de as mesmas quando pensadas e ressignificadas serem armas para questionar os conservadorismos identitários do que funda as desigualdades entre os corpos gendrados. Isso significa que a fronteira entre os binarismos sexo-gênero, heterossexualidade-homossexualidade-bissexualidade, são porosas e perturbadoras:

O que acontece ao sujeito e a estabilidade das categorias de gênero quando o regime epistemológico da presunção da heterossexualidade é desmascarado [...] qual a melhor maneira de problematizar as categorias gênero que sustentam hierarquias dos gêneros e a heterossexualidade compulsórias? (BUTLER, 2009, p. 8).

Somente a partir da desnaturalização de gênero e sexo é que é possível problematizar a heterossexualidade, assim como a dominação masculina, categorias estas *a priori* sustentadas pelas relações de gênero que, intrinsecamente fundadas no binarismo do órgão sexual, são determinantes para a construção das identidades sociais (aceitas ou não) sobre os corpos sexuados.

Por fim, as desigualdades entre os corpos foram historicamente construídas, discursadas e institucionalizadas para serem aceitas como “naturais”. Diante dessa realidade, *é papel da escola assumir, politicamente, uma postura desafiadora, inovadora e sensibilizadora perante qualquer forma de discriminação*, para romper com a homofobia construída e utilizada enquanto dispositivo, enquanto construto da heterossexualidade que fixa gêneros e identidades e que legitima tabus e opressões. Dessa maneira, alunos e alunas como Bianca nunca terão voz no espaço escolar.

Considerações Finais

Alunos(as) como Bianca e tantos outros, que ousam exercer sua liberdade de escolha, de identificação, que diluem as fronteiras identitárias dos poderes reguladores de nossos papéis sócias, sexuais e afetivos no contexto de uma escola heteronormativa, com certeza sofrerão sanções. Bianca foi, assim como ocorre com outros(as) aluno(a)s, educada por pais heterossexuais, provavelmente cristãos e que perpetuam, sem questionamentos, os valores, as brincadeiras, as piadas e os estigmas contra homossexuais.

Há todo momento, a identidade heterossexual enquanto comportamento é incitada a existir no espaço escolar. Os livros didáticos, os filmes selecionados pelos professores(as), a arquitetura do prédio, a divisão da quadra esportiva entre atividades de meninas e meninos, a competição, a fragilidade/doçura (feminina) em oposição à virilidade/força (masculina), os conteúdos eleitos por cada componente curricular fazem parte de um saber-poder selecionado pela produção cultural.

A enraização das identidades não faz distinção entre gênero e identidade de gênero e tampouco permite expressões livres, em que o sexo, o corpo, a sexualidade e a orientação sexual sejam vistos e perpassados por uma educação livre de identificações fixas do que seja, masculino, feminino, homem, mulher, hetero, homossexual, etc. Os alunos, ao adentrarem os portões da escola, trazem consigo toda uma concepção de corpo enquanto constituições sociais que são sustentadas por todo um sistema de instituições que as impõem e as reconduzem.

Na escola, as relações sociais, enquanto proposições de poder, são desiguais, pois o sexismo, a homofobia e o racismo silenciam o “anormal”, valendo-se de expressões as mais corriqueiras possíveis, como “Vira homem, moleque. Você parece uma menininha”, e, portanto, evocando e perpetuando o “monstro homossexual”.

Por fim, ainda subjaz ao papel do professor, da professora, da “tia do portão”, da “tia/tio da perua e da merenda”, do professor e professora homossexuais um comportamento único de masculinidade ou feminilidade heterossexuais que reproduzem as normas binárias e hierárquicas de gênero, religião e casamento procriativo, impossibilitando ou dificultando, dessa forma, outras referências de construção de gênero que desconstrua a naturalização dos mesmos e as identidades fixas dos papéis sociais, mesmo que estas sejam homofóbicas, sexistas e racistas, ou seja, identidades construídos no dia a dia.

BIBLIOGRAFIA

1. LIVROS

- ARÁN, Márcia; PEIXOTO JR., Carlos Augusto. Subversões do desejo: gênero e subjetividade em Judith Butler. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, Jan./Jun. 2007.
- BELTRÃO, R. Irecê. *Corpos Dóceis Mentos Vazias, Corações Frios*. O discurso científico do disciplinamento. São Paulo, 2000.
- BORRILLO, Daniel. *Homofobia*. História e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2. ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- CATONNE, Jean-Philippe. *A Sexualidade, ontem e hoje*. São Paulo: Cortez, 2001.
- FOUCAULT, Michel. A história da Loucura na Idade Clássica. 1997. São Paulo, Perspectiva.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SIMÕES, Júlio Assis. Do movimento homossexual ao LGBT/Regina Facchini. São Paulo: Perseu Abramo, 2009.
- SOARES, L. Carmem. *Corpo e História*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

2. FILMES

- Encontrando Bianca. Produção: ONG - ECOS Comunicação em Sexualidade 2010.
- Milk, a voz da igualdade*. Direção: Gus Van Sant, dez. 2009.